

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

POR UMA ETNOCAMINHADA EM CRIAÇÃO: MODOS DE COM-POR |OUTRAS| GRAFIAS FESTIVAS ESPETACULARES

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca.
Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida.

Introdução

Este artigo incursiona a respeito do corpo brincante e das possibilidades de existência experimentadas no decorrer da festa de São Marçal, em São Luís, capital maranhense. A festa também é conhecida como Encontro de Bois e acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo. A festa, que reúne os Bois do sotaque de Matraca, acontece em formato de cortejo, onde os brincantes caminham pela principal avenida do bairro. Como festa pública, com mais de 90 anos de existência, a ocupação na avenida implode acessos de vivenciar a experiência urbana de outra maneira.

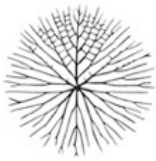
O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração espacial-festiva do bairro João Paulo, apresenta muitas curvas e encruzilhadas inventivas, poéticas, espetaculares e imagéticas que serão ressaltadas neste estudo. Festividade que junta, ao longo de mais 15 horas de duração, aproximadamente 200 mil pessoas, que caminha em vários sentidos, fluxos e refluxos, passos densos, tensos. Paradas. Alteridades praticadas. Encontra-ser nesse exercício de uma prática etnocaminhante, que tenciona compreender os modos de existência inventivos na festa.

Falar em existência sinaliza para uma compreensão de presença muito particular, que pode ser entendida como somas, ruídos ou costuras de múltiplos e dissonantes corpos, entrelaçados nas tessituras urbanas. Impulsionada por esta ideia, me proponho a pensar no modo de operacionalização do espaço público a partir suas fricções e deslizamentos, sobretudo pelo interesse nas pequenas narrativas que são inventadas e da forma como a experiência festiva, em São Marçal, é uma forma potente e necessária de ocupação do espaço público.

A discussão objetiva compreender como a caminhada reinventa modos de produzir existências, sobretudo como os corpos experimentam a cidade e atravessam as camadas densas e tensas, tornando a paisagem festiva um espaço de trocas afetivas, criação nômade e geração de outros mundos possíveis.

Contaminações epistêmicas: grafias de etnocaminhada em criação.

A etnocaminhada, noção criada na pesquisa de doutoramento, se instaura como experiência de construir intensidades, desorientar caminhos, manejar palavras, etnocenologizar. A matéria de criação da etnocaminhada tem proximidade epistêmica e



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

afetiva com a matriz de pensamento da Etnocenologia (BRÍGIDA, 2016). Encontra uma metodologia particular de imersão errante, intensificadora de perspectivas que adota o corpo brincante como construto cambiante, fluído e feito de inventividades.

Corpo brincante é uma proposição estético-política derivada de uma perspectiva transdisciplinar, noção que considera o modo como os praticantes se percebem e se autodenominam. Seguindo essa linha de compreensão, o pesquisador Oswald Barroso (2004, p. 85) contribui ao dizer que o brincante “rigorosamente, não se apresenta, nem representa, simplesmente, [...] brinca”.

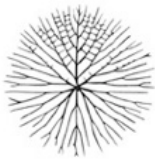
Ainda que o trecho comente a relação potente dos brincantes com o universo lúdico e inventivo presente nas manifestações espetaculares. No entanto, essa compreensão do corpo que apenas brinca, limita questões importantes acerca desse estado festivo. Nesta escritura, não cabe um entendimento totalizante e idealizador do brincante. O corpo brincante não é homogêneo. Contudo, tem uma base comum de criação, isto é, parte de uma raiz engendradora de rizomas, que é seu cotidiano e os dias dedicados ao Bumba meu Boi. O corpo brincante, neste contexto, expressa sua condição de rompimento e passagem. Abre caminhos, elabora rumações. Cria |re|existências ao disparar ações de microresistências.

Na condição de caminhante-etno-pesquisadora meu corpo entra como proposição etnográfica. É onde inscrevo meu corpo para compreender e caminhar o percurso, a paragem e a paisagem festiva. Reivindicando meu corpo como grafia etno, uma partitura de escrita-corpo que começa a fluir-existir a partir da imersão errante, que é quando eu caminho e festejo nas dobras e bordas, que friccionam os modos de com-viver na festa.

A intenção aqui não é de criar uma noção de corpo brincante, pelo fato desse corpo já existir. O movimento proposto é dar um nome, dentro da língua dessa pesquisa – tantos outros podem ser dados – ao corpo que brinca e caminha inventivamente. No contexto da pesquisa, o nome evocado, corpo brincante, fala de um corpo potente que opera a partir do borramento do regime de tempo contemporâneo. Para isso, o corpo brincante ativa a pressa e lentidão como coexistências, brincando com a elasticidade e densidade do tempo, gerando outras espessuras no espaço, abrindo o poro para as permeabilidades dos encontros.

Portanto, corpo brincante também é um termo que interroga, sem ponto de interrogação, os diversos modos inventados de experimentar a festa. Provoca intensidades, materializa os corpos em fluxos. Brincante puxa o movimento para si, mas não o restringe, convida e devolve, expande. É brincar entre, brincar com, brincar a partir e brincar em si.

Imersão errante: pistas, marcas e |a|notações etnocaminhante.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

A minha pesquisa se faz no e com o caminho, um caminhar que faz caminhos em diversos tempos e que vagueia por espaços de abertura metodológica. Movo-me nos desdobramentos possíveis por acreditar na possibilidade de outros percursos como articulação potente para o que venho me propondo: compreender a caminhada e os modos de existir na festa de São Marçal.

A partir de três etnocaminhadas realizadas¹ foi possível desenhar um mapa festivo. Não é um objeto-produto encerrado em si mesmo, mas um modo de pensar por. O intento é escrever-desenhar-capturar mapas de percursos a partir de algumas caminhadas praticadas, algumas delas evocadas da dissertação (FONSÊCA, 2015).

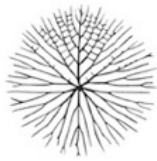
A imersão errante escreve-desenha-captura mapas de percursos a partir de algumas caminhadas praticadas. Rascunho lugares de circulação e andamento na festa, como índices de partilhamento, usando as narrativas dos brincantes como campo de experimentação, para-além-de-uma-descrição. Conjunto de incursões da pesquisa que sinaliza para outros movimentos em campo, que menciona, as fraturas e borramentos, que dialogam entre si, como força poética manifestada em cada situação de disponibilidade do brincante, dos corpos em vias de composição.

Neste sentido, proponho a escritura de uma caminhografia festiva. A festa de São Marçal é apresentada a partir de três momentos escolhidos devido a sua estrutura cambiante, a saber: chegar na festa; a caminhada festiva e, por fim, a dispersão. Esses são os fluxos e refluxos da festa tomados como campo de compreensão do fenômeno. São circuitos-experimentos que atravessam e compõem os corpos caminhantes na festa, que propõem a forma de vivenciá-la, de como a festa se comunica e se faz espetacular.

O primeiro circuito-experimento, Chegar na festa: dinâmicas de acessos, destaca as formas encontradas pelos brincantes para acessar a festa. Os caminhos percorridos a pé, carro, ônibus, moto e outras formas de deslocamento praticadas. Interessa aqui apresentar a transmutação da paisagem do Bairro nas primeiras horas do dia 30 de junho, bem como das caminhâncias como disparadoras desse processo.

A caminhada festiva é o segundo circuito-experimento. Nele, é onde a festa propriamente dita acontece. O corredor, entendido como ocupação errante, mede cerca de 400 metros e, na maioria das vezes, o percurso tem duração aproximada de 3 ou 4 horas, por abrigar muitos caminhantes. A cartografia da festa se desenha da seguinte forma: cada grupo de Bumba meu Boi percorre-caminha-para-dança na avenida, acompanhado de um carro de som, equipado com microfone e demais aparatos sonoros. Essa estrutura movente é seguida por outros brincantes, admiradores e público em geral. Quando o corredor é percorrido por completo, a participação do grupo

¹ Caminhadas nos anos de 2017, 2018 e 2019.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

é oficialmente encerrada. Logo atrás, já se aproxima outro grupo em sua caminhada festiva.

E, por último, a dispersão que nomeiei de Fluxos dispersivos: outras dobras por vir, descrevo as outras festas que alimentam a festa de São Marçal, localizadas nas transversais da avenida principal. O circuito-experimento pontua as outras dinâmicas festivas que garantem a continuidade do fenômeno espetacular, como um desdobramento elástico, intrinsecamente ligado à festa de São Marçal. Percebido como território cambiante não isento de contaminações, uma superfície aberta a acontecimentos.

Os três circuitos-experimentos mencionados falam de situações-moventes específicas da festa que, cabe mencionar aqui, a existência de outras formas de circulação que interrogam as composições da festa. As três ações refletem os momentos de experiências compartilhadas e geradas a partir de seus entrelaçamentos que se tocam, vibram, se contraem e se afastam. Alargando seus contornos e não são marcações fixas, tão pouco ações pré-determinadas da festa.

Conclusões

Apresento discussões e olhares acerca das existências que caminham na Festa de São Marçal, discuto também algumas situações vividas e experiências compartilhadas no território festivo-movente. Intenciono contribuir, a partir da etnocaminhada, nas práticas investigativas que interrogam outros sentidos de mundo, sobretudo do entendimento das espetacularidades festivas e moventes que ocupam a rua.

Palavras-Chave: Etnocaminhada, Festa de São Marçal, Corpo brincante.

Referências Bibliográficas

BARROSO, Oswaldo. **Incorporação e memória na performance do ator brincante.** In: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização. TEIXEIRA, João Gabriel L.C., et al (org.). Brasília: ICS- UNB, 2004. Pág. 68 a 87.

BRÍGIDA, Miguel Santa. **Etnocorpografias dos terreiros afro-amazônicos:** imersões metodológicas da Etnocenologia. Anais da ABRACE. v. 17, n. 1, 2016.

FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza Fonsêca. **Tem mascarado na festa de São Marçal:** o brincante de Pai Francisco no Bumba meu Boi em São Luís, MA. Programa de Pós-Graduação em Arte Contemporânea, Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado, 2015.